

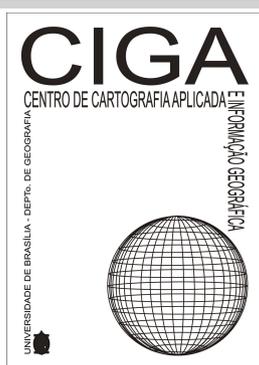
Artigo

MEU CAMINHO ATÉ O CHEFE DOS BAMBARÁ

Renato Barbieri

p. 13-33

revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.6, N.1 (2015), 13:33
ISSN: 2177-4366

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i2.15439>

Como citar este artigo:

BARBIERI, R. MEU CAMINHO ATÉ O CHEFE DOS BAMBARÁ. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.3, n.2 (2012), p. 13:33 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i2.15439>

Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/146/111>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

MEU CAMINHO ATÉ O CHEFE DOS BAMBARÁ

Renato Barbieri

Cineasta

Diretor e Produtor da Gaya Filmes

SQN 110, Bl.A, Ap.504 cep: 70753-010 Brasília-DF

E-mail: renato@videografia.com.br

Resumo: Um testemunho pessoal e vivencial do cineasta Renato Barbieri em sua relação com o continente africano, desde as primeiras conexões, na adolescência, passando por suas produções cinematográficas e viagens de pesquisa. São relatos que extrapolam o conhecimento intelectual e atingem o campo afetivo e estético nas afinidades e contrastes do Brasil com a África. O interesse crescente pelo tema da ‘ancestralidade’ o levou a desenvolver um projeto de ficção e, a partir daí, uma viagem de pesquisa ao Mali e Burkina-Faso, guiado pelo ator maliense Sotigui Kouyaté. Nessa viagem, o cineasta teve um encontro revelador com o Chefe dos Bambará, na cidade de Segou, no Mali.

Palavras-chave: Brasil-África, Mali, Bambará, origem africana, ancestralidade.

Abstract: A personal testimony and experienced of filmmaker Renato Barbieri in their relationship with the African continent, from the first connections in adolescence, through their film production and research trips. They are stories that go beyond intellectual knowledge and reach the field in the affective and aesthetic affinities and contrasts between Brazil and Africa. The growing interest in the subject of 'ancestry' led him to develop a project of fiction and, thereafter, a research trip to Mali and Burkina- Faso, led by the Malian actor Sotigui Kouyaté. On this trip, the filmmaker had a revelatory meeting with the Head of the Bambara, in the city of Segou, Mali.

Keywords: Brazil-Africa, Mali, Bambara, African origin, ancestry.

Primeiras Conexões

O tema da ‘ancestralidade’ me parece um dos mais ricos conteúdos filosóficos na tradição do pensamento africano. O interesse sobre ‘ancestralidade’ tem me levado a uma reflexão sobre a ligação do Brasil com a África, bem como minha pessoal ligação com o continente africano.

Minha primeira ligação com a África se deu quando tinha mais ou menos 11 anos, na passagem dos anos 1960 para os 70, quando vivia em Araraquara, no Interior de São Paulo. Meu saudoso pai, Nelson Barbieri, engenheiro-arquiteto e amante da música, era um homem viajado e em uma de suas passagens pela Alemanha trouxe para casa um rádio Zenith Trans-Oceanic, que possuía diversas bandas de ondas curtas, médias e longas. Posso dizer que minha curiosidade pelo mundo tem início aí, ao poder operar esse potente equipamento e ‘navegar’ nas ondas de rádio de diferentes países e prefixos. Aliás, o sentido de ‘navegar’ na internet tem de fato como seu antecessor tecnológico o rádio.

Foram inúmeras as noites em que me fechava no ‘quarto de brinquedos’ (ou ‘de estudos’) de minha casa, abria a tampa metálica do painel do rádio Zenith (tendo na contra-tampa um mapa-múndi fatiado em fusos-horário), ligava o aparelho, apagava as luzes e saía por aí, em busca das frequências de rádio do mundo: Japão, China, Rússia, Cuba, Equador, Índia, França, Inglaterra, Alemanha, Arábia Saudita, Marrocos, dentre muitos outros países. Descobrir músicas, programas de notícias, propagandas, idiomas, locuções e vinhetas de inúmeros prefixos eram para mim uma grande aventura, como se o robusto Zenith de meu pai, com seu painel luminoso, fosse uma espécie de ‘tapete voador eletrônico’, que me permitia viajar por ‘lugares’ desconhecidos. Nessa viagem fantástica, o que mais me tocava profundamente a alma era através de rádios do Marrocos: a musicalidade, a sonoridade, o idioma, os cânticos alcorânicos, o mistério... tudo isso me despertava para um outro mundo fascinante e, ao mesmo tempo, bem contrastante em relação ao meu contexto cultural de Araraquara. Por conta disso, diria que minha primeira ligação com a África foi de natureza estética e se deu através do Zenith de meu pai.

Um ou dois anos se passaram desde o início dessa experiência, e eis que meu pai chega em casa com uma grande novidade: cinco bilhetes aéreos para o Marrocos e o Senegal! Da expedição familiar à África participariam meus pais (Nelson e Maria Ruth), meus irmãos mais velhos (Nelson Filho e Ciça) e eu (o quarto filho de uma prole de cinco). Essa notícia foi impactante: de uma hora pra outra eu passaria a ter um contato direto com o país cuja sonoridade eu aprendera a admirar (mirar à distância). Para os amigos araraquarenses essa viagem soou como algo exótico, pois, tanto naquela época como hoje, as viagens internacionais são habitualmente orientadas para a Argentina, Estados Unidos e alguns países da Europa, e quase nunca pra África. Pois em fevereiro de 1973 seguimos pelas asas da Lufthansa rumo ao “continente misterioso”. Viajamos de carro pelo Marrocos por diversas cidades e lugares: Casablanca, Rabat, Fès, El Jadida, as montanhas da

cordilheira do Atlas, Marrakech... Tamanho era o meu fascínio que meu irmão mais velho dizia que eu “queria mergulhar na imagem da paisagem”.

Em Marrakech ficamos hospedados no requintado hotel La Mamounia, e na mesa de cabeceira do nosso quarto havia um belo rádio, todo em madeira escura. Ao percorrer as frequências do dial reconheci, com emoção, muitas das rádios que estava habituado a sintonizar nas acolhedoras noites de Araraquara, através do velho Zenith, objeto afetivo que conservo até hoje.

Meu pai contratou os serviços de um guia, o Sr. Abdullah, um homem entusiasmado pelo seu país. Embora meu pai não falasse uma palavra de francês, e muito menos do árabe, logo percebi, surpreso, a grande sintonia que existia entre os dois, pois não paravam de conversar, não sei em que língua. Mas um fato foi revelador: nas ruas da cidade havia meninos de rua, fato social comum nos dias de hoje, mas nada evidente para mim no Brasil da época, quando o êxodo rural do país não havia ainda se consolidado. E logo percebi que os meninos marroquinos pediam trocados apenas para os turistas, pois os marroquinos não davam a mínima pra eles. O curioso é que os meninos nunca pediam trocados para meu pai, que era justamente o ‘dono do caixa’ do nosso grupo. Foi quando percebi surpreso, que meu pai e o guia Abdullah eram parecidíssimos, como se fossem parentes, e os meninos tomavam meu pai como sendo um marroquino. Isso pra mim foi uma grande descoberta, mas segui observando... Ao fim desse trecho da viagem, meu pai e Abdullah se despediram como se fossem velhos amigos, ou quiçá, sem o saber, parentes que não se viam há muito tempo. Três décadas mais tarde fui para a Tunísia e mais de uma vez perguntaram se eu era marroquino. Explica-se: os Barbieri de minha linhagem vieram da província de Reggio Calabria, no Sul da Itália, região ocupada pelos mouros durante um bom período.

Depois seguimos para o Senegal. Para meu deslumbramento, na primeira noite em Dakar, no escuro do quarto do hotel, fomos todos surpreendidos pelo misterioso e envolvente cântico do Alcorão, evocado pela potente voz do muezim que, do alto do minarete da Grande Mesquita de Dakar, conclamava os muçulmanos à oração. A densidade daquela ‘música’ me tocou profundamente com a força de uma revelação do belo, do essencial, do sagrado. Minha ligação com o Islã não chega a ultrapassar o campo da estética e sempre me emociono com seus sons, design e formas arquitetônicas, principalmente os de origem africana. Depois disso, como cineasta, filmei ou simplesmente visitei mesquitas em Moçambique, no Benim, no Burkina-Faso, no Mali e na Tunísia e essas emoções sempre se renovaram. A visão que tenho do Islã a partir dos países que conheci na

África é instigante, pois contém, pela minha vivência, a tolerância pela diferença, a curiosidade, o respeito universal, a devoção serena, a suavidade, por mais estranho que possa parecer, algo bem diferente da intolerância e da violência que associamos ao fundamentalismo. É bem provável que o amplo sincretismo religioso que cultivamos no Brasil tenha sua origem nas culturas africanas.

Áfricas Raízes

Doze anos depois da viagem ao Marrocos e Senegal, por uma série de coincidências e oportunidades – já que estudei engenharia e psicologia – decidi ser documentarista. E assim, em 1987, surgiu uma primeira oportunidade para fazer um projeto sobre a diáspora africana e o Brasil, quando a Fundação Ford lançou um concurso alusivo ao centenário da abolição. Comecei minha pesquisa por um projeto intitulado “Áfricas Raízes” e logo fui atrás de um ‘mapa da diáspora’, pois considerei como sendo básico que, através desse mapa, jovens estudantes e brasileiros afro-descendentes de qualquer idade pudessem ter acesso a alguma ‘pista’ relativa a sua ancestralidade. Se, por exemplo, um rapper da Ceilândia, cujos pais vieram do Rio Grande do Sul, tivesse o interesse em saber a qual etnia pertencia sua quintavó antes dela ter sido arrancada da África para desembarcar no porto de Rio Grande, pelo ‘mapa da diáspora’ ele poderia ter indicativos de que sua ancestralidade poderia estar localizada em uma vasta região da África Austral e que, provavelmente, sua antepassada possa ter sido embarcada no porto de Luanda, em Angola, ou no porto de Ilha de Moçambique, no Oceano Índico. São pistas imprecisas e muitas vezes vagas, mas que podem, eventualmente, alimentar anseios profundos de conhecer a própria origem africana. Portanto é preciso oferecer opções de conhecimento sobre a própria saga familiar que ultrapassem a “arrebentação” da escravidão.

A origem dos brasileiros afro-descendentes não é a escravidão, como pode levar a crer a história oficial (e inercial).

O ciclo da escravidão desencadeou um corte drástico e profundo em uma história que era vivida lá na África. A mentalidade escravagista não acabou com a Abolição, e ela atuou e atua insistentemente em apagar essa ‘história anterior’ por intermédio de diversos mecanismos de proibição, persuasão ou indução ao esquecimento, como a proibição da língua, a mudança dos nomes, a perseguição aos Deuses ou, como é praticada atualmente, na criação de modelos excludentes de beleza e na sistemática crítica e oposição às cotas em universidades, simplesmente negando políticas afirmativas, sem, no entanto, propor alternativas conseqüentes de reparação

histórica. Por tudo isso, todo brasileiro tem o direito de conhecer a África. Só uma ligação intensa do Brasil com a África poderá reavivar essa memória ancestral e, a partir daí, gerar uma nova ‘visão de eu’, ‘visão do outro’, visão de nós mesmos como brasileiros, ou seja, uma nova compreensão de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

Mas eu vivia em São Paulo quando estava em minha pesquisa atrás do ‘mapa da diáspora’, e recorri às bibliotecas de bairro e nada achei. Recorri então às bibliotecas da USP e constatei que não existia tal mapa em português. Acabei por achar um ‘mapa geral da diáspora’, da África para todas as Américas, em um livro francês. A partir desse momento, em 1987, percebi quão gigantesca era a desinformação sobre as origens africanas da cultura brasileira. Estava decidido a empreender esforços no sentido de realizar um filme sobre o tema: o das afinidades históricas e culturais entre Brasil e África. Hoje, quando tenho a honra e a oportunidade de participar deste Colóquio “Geopolítica & Cartografia da Diáspora África – América – Brasil”, me sinto realizado e satisfeito ao presenciar aqui o lançamento do “Mapa Educacional: Geopolítica da Diáspora África – América – Brasil. Séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX”, pelo Prof. Dr. Rafael Sanzio dos Anjos (UnB). O MEC – Ministério da Educação – tem a obrigação cívica e moral de fazer com que cada escola desse país – pública e privada – tenha em suas bibliotecas pelo menos um exemplar desse mapa essencial para a nossa História.

Meu projeto “Africas Raízes” não foi contemplado no referido edital, provavelmente porque não estava maduro o suficiente, mas esse alento estava definitivamente presente em mim. Cinco anos depois o destino me colocou frente-a-frente com o professor e historiador Victor Leonardi (UnB) e, juntos, realizamos o filme-documentário “Atlântico Negro – na Rota dos Orixás”. Eu já havia estado uma vez na África como cineasta para filmar o documentário “Moçambique”, realizado em co-autoria com o cineasta Fabiano Maciel (“A Vida é um Sopro”). Embora já conhecesse Portugal, foi em Moçambique que descobri a rica diversidade dos falares de nossa língua. Essa jornada a Moçambique foi muito rica e me deu um conhecimento sobre como fazer uma produção em terras africanas, o que foi de extrema utilidade na hora de levantar a produção para as filmagens no Benim, a locação africana do “Na Rota do Orixás”.

Na Rota dos Orixás

Tive muitos aprendizados com esse filme fundamental em minha filmografia. Em primeiro lugar, contei com a sensibilidade e expertise de grandes colaboradores. O Victor Leonardi, mais que

colaborador, é co-autor da obra. A sinergia que encontramos ao trabalhar juntos é bastante complementar. Partilhamos de visões e sentimentos humanistas profundos, além de associarmos conhecimento e estratégia narrativa para contar histórias. Victor e eu contabilizamos até hoje 20 projetos realizados, estando ele à frente da pesquisa e nós dois assinando juntos os roteiros. Para o “Na Rota” tivemos a graça de contar com a especial consultoria do Embaixador Alberto da Costa e Silva, autor de vasta bibliografia sobre África e considerado o maior africanista do Brasil. Foi ele quem me ditou por telefone o ‘mapa da diáspora’ que está presente na computação gráfica do “Na Rota”. Alberto da Costa e Silva é a pessoa mais apaixonada pela África que já conheci, não por outro motivo ele escreveu o livro “O Vício da África e outros Vícios”. É no mínimo curioso saber que a África gera tantas paixões, tanto pelo fascínio, quanto pela aversão, como observamos frequentemente na mídia. Outro colaborador de grande importância para o “Na Rota”, especialmente para as filmagens no Benim, foi o Prof. Dr. Milton Guran (UFF), estudioso especialista nos Agudá, os ‘descendentes dos brasileiros’ ou ‘africanos retornados’ que vivem em cidades litorâneas do Benim, cidades como Porto Novo, Uidá e Cotonu. O fenômeno dos “retornados” se repete em outros países da costa ocidental africana, como Nigéria, Gana e Togo. Milton Guran conhece bem as comunidades de “brasileiros retornados” e sua colaboração direta no Benim foi decisiva para o sucesso do projeto.

O filme teve também as participações mais que especiais de Mãe Stella de Oxóssi, da casa Ilê Àse Opo Àfonjá, de Salvador; de Mãe Deni, da Casa das Minas, de São Luís, e dos historiadores Karl Emanuel, de Cotonú, e João José Reis, de Salvador.

O documentário, depois de concluído, ‘viajou’ o Brasil e o mundo, participou de dezenas e dezenas de festivais e mostras nacionais e internacionais e ganhou nove prêmios no Brasil, dentre eles o “Margarida de Prata”, conferido pela CNBB, e o “Pierre Verger: Excelência”, conferido pela ABA – Associação Brasileira de Antropologia. A idéia foi, desde o começo, estabelecer uma ‘ponte’ das afinidades históricas e culturais existentes entre as duas margens do Atlântico. Evitaríamos, de qualquer modo, ‘cultuar’ os objetos de tortura e a violência praticadas pelos escravagistas contra os africanos e seus descendentes brasileiros. A nosso ver, não é disso que as pessoas estão precisando, pois essa história de humilhação elas já sabem bem. O conhecimento que mais nos falta é saber: “afinal, que África é essa de onde viemos?”. Seria essa África que está na mídia, onde só tem guerras, fome e AIDs? Mas reduzir a África sob essa ótica simplista e negativa é o mesmo que dar continuidade à estratégia escravagista de ‘criar desvalor’ e ‘manter o esquecimento’. Para além da

‘arrebentação’ da escravidão e dos desastres em consequência da arbitrariedade da Conferência de Berlim, de 1885, que retalhou a África segundo ambições e conveniências das potências europeias, para além disso tudo (e apesar disso), existe e resiste uma África milenar, forte, sábia, densa, profunda e viva! Para nós brasileiros é fundamental descobrirmos e fortalecermos laços com essa África viva que nos remete à nossa ancestralidade.

Os personagens principais do filme são Pai-Euclides Menezes Ferreira¹, da Casa Fanti-Ashanti, de São Luís do Maranhão, Avimandjé-non², de Uidá, e Adjahô Houmasse³, de Abomey, ambos do Benim. ‘Adjahô’ não é um nome, mas o título de sumo-sacerdote do culto ao voduns em Abomey, cidade histórica e antiga capital do Dahomé, no atual Benim. No filme, Pai-Euclides e Avimandjé-non estabelecem um ‘diálogo’ e troca de mensagens e cantos através do vídeo que é muito tocante e o ponto alto do documentário e remete à idéia de ancestralidade. Adjahô assistiu emocionado a essa troca de mensagens pelo vídeo e qualificou aquele encontro como sendo “a história de duas crianças que foram separadas e que nunca mais se viram. Cada um deles teve filhos e depois outros e mais outros filhos. Mas um dia a ocasião foi dada aos seus descendentes para se encontrarem. Esse encontro seria alguma coisa de inexplicável, sua alegria será inestimável e nós nem poderíamos qualificá-la. Será alguma coisa extraordinária”. Essa fala é sensível ao trauma da separação entre “aqueles que partiram” e “aqueles que ficaram” e Adjahô foi sábio e generoso ao perceber e conferir à troca de mensagens entre Pai-Euclides e Avimandjé-non uma dimensão simbólica extraordinária, que é a do encontro entre brasileiros e africanos ligados por laços ancestrais. Não vem ao caso se esse encontro seria necessariamente de ordem genética, mas, para além dessa dimensão, esse encontro poderá ter inúmeras outras motivações: intelectuais, artísticas, científicas, religiosas, filosóficas, afetivas, estéticas, culturais, econômicas etc. O importante é que essa troca seja cada vez mais freqüente e profícua. O depoimento de Adjahô diz muito sobre a idéia de ancestralidade no sentido dos brasileiros, afro-descendentes ou não, descobrirem seus vínculos com a África. Quando o filmamos, em janeiro de 1998, ele estava doente e com a idade avançada. Depois ficamos sabendo que ele havia morrido seis meses depois. Seu testemunho é um legado.

Ultrapassar a “arrebentação”

Ultrapassar a ‘arrebentação’ da escravidão em direção ao “antes” é uma possibilidade de se libertar do fardo histórico e do estigma simbólico da escravidão. Não quero dizer com isso que devemos

¹ FOTO-1

² FOTO-2

³ FOTO-3

esquecer a escravidão, aliás nem sei se isso é possível, mas a idéia é fazer um convite para irmos para além dela, no “antes”.

A escravidão não é o início da história, como se antes disso fosse ‘um nada’, uma vida primitiva sem história. A ideologia de dominação que existe dentro do conceito de que ‘fora da escrita não há História’ levou a um “entendimento” de que os ‘povos sem escrita são povos sem História’. Na verdade a escravidão foi o fim de uma História na África. O “antes” e o “depois” está na cena em que africanos e africanas foram arrancados à força de suas famílias. A partir dessa cena é que começa a escravidão. Antes de chegar ao navio, muitos desses africanos fizeram longas travessias por terra, presos por libambos. Na chegada ao ‘porto’ de embarque, tiveram de suportar dias em barracões-prisões. Nem dá pra se imaginar as condições nutricionais e emocionais a que estavam submetidos esses africanos. Não eram escravos! Eram africanos escravizados. Escravo não era nem nunca foi uma profissão, um talento e nem uma inclinação. É certo que foram condenados arbitrariamente à escravidão, mas ninguém escolheu ser escravo. Por isso é injusto e humilhante nos referirmos aos milhões de africanos, vítimas da mentalidade escravagista, como sendo “escravos”. Foram, sim, forçados à escravidão. Se referir a esses homens e mulheres como “escravos” é transformar o verbo ‘escravizar’ em substantivo ‘escravo’, o que implica em fazer uma concessão inconsciente de que a “ação” se transforme em “coisa”. Isso até ocorreu (e ocorre!) deliberadamente na cabeça dos escravagistas que, por meio de mecanismos de aculturação das idéias hegemônicas dominantes isso se transformou em senso comum, mas nós não podemos deixar que o conceito brutal da mentalidade escravagista permaneça em nós e se transforme em algo universal. Hoje em dia algumas pessoas se incomodam em modificar formas de se dizer as coisas sob a alegação de ser uma ‘babaquice’ do ‘politicamente corretos’. Mas não se trata aqui de uma mera questão semântica, pois bem sabemos que a palavra exprime, muitas vezes de forma oculta, conceitos ou pré-conceitos poderosos, que estão quase sempre a serviço da dominação e desvalorização do outro. Não devemos ter preguiça em ‘repaginar’ ou ‘re-diagramar’ nossos pensamentos, principalmente aqueles herdados dos tempos cruéis da escravidão, idos no calendário, mas presentes na mentalidade escravagista e por sua evocação na enunciação da palavra.

O ‘Escaner do Olhar’

Um dos grandes aprendizados que tive nas filmagens no Benim aconteceu na cidade de Ketu. Depois de entrevistar o Rei de Ketu, decidimos filmar o antigo Palácio Real, que possui algumas paredes com figuras em alto relevo, um acervo artístico e cultural importante da cidade. Ketu fica

na fronteira com a Nigéria e, quando nos dirigíamos para o antigo palácio, nosso guia local nos advertiu de que uma semana antes uma equipe de TV da França, que estava filmando o Palácio, havia sido agredida por um grupo de nigerianos. A coisa foi feia, pois cercaram a equipe francesa, os agrediram fisicamente, pegaram seus equipamentos e os arremessaram ao chão com força. A equipe francesa saiu ‘corrida’ do local. Fiquei atento com essa informação, mas não cheguei a me preocupar, pois a agressão não foi caracterizada como roubo e também por não acreditar que nigerianos pudessem agredir gratuitamente uma equipe de brasileiros.

Chegamos ao local e começamos a filmar o acervo do palácio. Poucos minutos depois nosso guia nos alertou que o grupo de nigerianos estava vindo em nossa direção. De fato, vi um grupo de mais ou menos trinta homens caminhando de forma determinada pela rua de terra em nossa direção. Tinha um líder, um homem de estatura mediana, que caminhava à frente do grupo, com um olhar agudo, penetrante, e era seguido pelos demais em uma espécie de ‘formação triangular’, sendo que o líder ocupava o seu vértice. Sem dúvida, era uma operação de combate. Estavam a uma distância de uns duzentos metros e se aproximavam rapidamente. Por precaução, pedi à minha equipe que passassem a filmar o lado de trás do palácio e me mantive no meio da rua, na ‘linha de tiro’ do grupo nigeriano. Eu estava realmente confiante que não havia qualquer motivo para ser agredido, pois estávamos em missão cultural para estabelecer vínculos históricos de amizade entre Brasil e África. Me mantive em uma postura atenta, mas descontraída. Foi quando descobri que o africano de um modo geral tem uma ‘leitura corporal’ e, mais, uma ‘leitura do olhar’ que o outro faz dele que fiquei admirado de perceber. O líder, ao observar minha postura e meu olhar, foi diminuindo seu passo. A postura determinada de combate foi ganhando contornos de ‘passeio’, de modo que quando chegou ao meu encontro, estava totalmente inofensivo e estendemos nossas mãos para um cumprimento amigável. Em dois segundos ele me perguntou: “De onde você vem?” O que já havia se alterado radicalmente de ‘formação de combate’ para ‘situação amigável’, se transformou em efusiva festa, por causa de uma única palavra mágica: “Brasil”. É algo notável e que merece profunda reflexão o ‘capital de carisma’ que o Brasil possui junto a certos povos, principalmente entre os africanos. Essa força é de um potencial magnético que ainda estamos nos dando conta. Logo em seguida chegou minha equipe para participar da festa, que por pouco não virou um carnaval africano: trocas de presentes, abraços efusivos, pulos, gargalhadas, conversas animadas (nem me lembro em que língua), o fato é que não havia mais qualquer barreira ali entre nós, brasileiros e nigerianos.

Sobre a questão do “escaner do olhar”, me parece que o africano aprendeu a observar como o colonizador europeu o olhava: com desprezo, com desconfiança... com medo: “quem é esse ‘outro’ que eu não entendo?”. Os códigos culturais europeus e, por extensão, norte-americanos, são por demais contrastantes com os da cultura africana: o sistema de crenças, estrutura social-familiar, hábitos cotidianos, postura corporal, a arte etc, tudo é muito estranho entre esses pólos extremos. Logicamente que não se trata de hierarquizar esses valores em um esquema de superioridade. São diferentes! Mas o Ocidente se tornou dominante no mundo e cristalizou uma ‘régua de civilidade’ que é absolutamente unilateral e destituída de alteridade, em resumo, uma visão de domínio medido pela força bélica. Mas a África é milenar, sua cultura tem força de dimensão inconsciente e isso também assusta. Isso gerou um ‘código de olhar’ que os africanos aprenderam a ‘ler’. Nós, brasileiros, fomos educados por outros códigos culturais em relação aos outros povos, e isso faz uma grande diferença na hora de se relacionar com o ‘outro’. Desenvolvemos no Brasil, em que pese contra a visão do código dominante, um olhar de respeito e curiosidade sobre a África, e isso muda tudo na forma de ver o ‘outro’ e conseqüentemente na relação que daí deriva: julgamento x curiosidade; respeito x desprezo; amizade x dominação, e por aí caminham as diferenças na forma de se relacionar. Em resumo, para um bom observador, meia postura basta.

O Outro como Espelho

Como disse anteriormente, a idéia de ancestralidade é um dos mais caros conceitos filosóficos aos africanos. Para nós, brasileiros, que temos uma história de país muito recente, a idéia de ancestralidade parece algo distante, místico, etéreo, quase inalcançável. Basta verificar que a grande maioria de nós mal conhece o nome completo de nossos avós, o que dizer de nossos quintavós?

Mas o desejo de ultrapassar a “arrebentação” da escravidão nos leva obrigatoriamente à reflexão sobre o tema da ancestralidade. Daí nasceu um argumento de um filme de ficção, que ainda estou trabalhando na construção do roteiro, que me permitiu ganhar um apoio importante do Programa Ibermedia (acordo de cooperação e fomento multilateral das cinematografias da América Latina, Caribe e Península Ibérica), que me possibilitou fazer uma pesquisa de campo no Mali e no Burkina-Faso. Mas porque o Mali e o Burkina? Para o Brasil vieram pessoas de praticamente toda a África Negra. Mas descobri nessas viagens que a perspectiva da escravidão é muito diferente no Brasil e na África. No Brasil os afro-descendentes estão irmanados pelo mesmo trauma da diáspora, todos vítimas da escravidão. Na África, é diferente e o assunto é delicado: encontramos tanto os descendentes “dos que partiram” e “dos que ficaram” (famílias dilaceradas), como encontramos

também os descendentes dos cúmplices dos comerciantes negreiros, aqueles que fizeram ‘a parte do negócio’ em terra. As experiências que tivemos de tocar no assunto “escravidão” lá na África sempre geraram um certo mal-estar. O historiador beninense Karl Emanuel explicou com muita clareza e desenvoltura essa espinhosa questão, no documentário “Na Rota dos Orixás”. Não quero dizer que seja uma barreira intransponível, mas, como veremos logo a seguir, no depoimento do Chefe dos Bambará, quando se trata do tema da escravidão, “as bocas ainda estão fechadas”. É bem provável que os brasileiros em sua busca pela ancestralidade africana, possam ajudar os próprios africanos a olhar para o problema com uma abordagem mais abrangente, sem que isso implique, é claro, em qualquer atitude arrogante de nossa parte. Não é tarefa fácil e, assim como o trauma da escravidão se fará sentir aqui no Brasil por pelo menos mais um século, não seria diferente na África.

Quem me guiou pela viagem ao Mali e Burkina-Faso foi o premiado ator maliense Sotigui Kouyaté⁴, conhecido por fazer parte da companhia internacional de teatro de Peter Brook e por ter participado de seu filme “O Mahabharata”. Eu havia convidado Sotigui a participar do projeto de ficção com o tema da ancestralidade e que se passa no Brasil e no Mali. Foi quando ele sugeriu para fazermos, juntos, uma viagem de pesquisa *in-loco*, e com o apoio do Programa Ibermidia, seguimos para o Burkina e o Mali em agosto de 2006.

A primeira coisa que me seduziu para o Mali foi uma ‘imagem-gancho’: a Mesquita de Djenné⁵. A estética africana do Islã sempre me seduzindo e, por diferentes abordagens, de alguma forma me guiando. Depois de percorrermos diversas cidades do Burkina-Faso, como a capital Ouagadougou, de 600 mil habitantes (fala-se Uagádugú), Bobo-Dioulasso, importante centro comercial (fala-se Bobôdiulassô), ou Tiébélé, cidade onde as mulheres pintam suas casas com tintas de barro e o resultado é surpreendente, belo, criativo e original, atravessamos a fronteira com o Mali e chegamos à capital Bamako, uma grande e bela cidade de 1,8 milhão de habitantes que é cortada pelo Rio Niger. Em Bamako, conheci lugares e pessoas e profissionais importantes para o meu projeto. Para avançar minha pesquisa, faltava conhecer Djenné. Mas Sotigui era bastante requisitado em Bamako, tanto por sua extensa família, como por compromissos profissionais, e não mostrou interesse em ir comigo a Djenné. Então montamos um grupo para ir a Djenné, e na volta passaríamos pela cidade

⁴ FOTO-4

⁵ FOTO-5

de Segou (segú), também às margens do Rio Niger, pois Sotigui considerou como uma boa oportunidade para eu conhecer o Chefe dos Bambará⁶.

Eu e meus guias seguimos de van para a histórica Djenné, uma das mais antigas cidades da África Ocidental, que foi muito rica, pois era ponto de convergência no auge do comércio transaariano. A Mesquita de Djenné é considerada a maior construção em adobe do mundo e sua forma imponente é bem diferente das nossas referências arquitetônicas. Depois dessa visita inesquecível, seguimos para Segou e no dia seguinte, fomos ao *village* de Sekoró (bairro histórico onde fica localizado o palácio do Chefe dos Bambará). Desse encontro com o Chefe dos Bambará participaram a tradutora Andrea Caruso Saturnino, o produtor cinematográfico Salif Traoré e o porta-voz do Chefe dos Bambará. Tive a felicidade de gravar em áudio o diálogo estabelecido entre eu e o Chefe, diálogo falado em português e bambará, tendo como intermediária a língua francesa. Considero esse diálogo como bastante revelador, conforme transcrevo alguns trechos a seguir.

Diálogo com o Chefe dos Bambará

Primeiro me apresento, entrego ao Chefe uma carta de Sotigui e, também, um envelope com algumas notas – uma tradição africana de se levar um presente quando se agenda uma audiência real, como era o nosso caso. Explico sobre minha pesquisa de fazer um filme sobre a ancestralidade de brasileiros afro-descendentes. Pergunto se o Chefe conhece alguma história ocorrida nessa região do Mali, de pessoas que tivessem sido escravizadas e levadas para o Brasil.

Chefe dos Bambará: – Meu próprio pai morreu com 106 anos de idade. E ele era muitíssimo versado na história e me ensinou muito sobre o Reino Bambará. O meu pai me ensinou a não abandonar a tradição Bambará. E eu sigo isso à risca.

Então o Chefe me faz um relato da linhagem completa de todos os reis Bambará, desde o primeiro rei, em 1712, até o 13º, que, pelo que entendi, teria sido seu pai.

Chefe dos Bambará: – É difícil conhecer quem é parente ou descendente daqueles que partiram para o Brasil. Naquela época existia o ritual da circuncisão. Após a circuncisão um rapaz poderia ter o direito a deixar a barba crescer e também a ter uma esposa. E aqueles que partiram foram os que já tinham sido submetidos a essa iniciação. Hoje tem uma carta de identidade do povo Bambará,

⁶ FOTO-6

como se fosse um passaporte Bambará para se poder viajar. A primeira identidade são os traços de escarificações, os traços de balaf. Eram três traços de um lado e três do outro. Cada signo identifica a qual etnia se pertence. A segunda carteira de identidade está na palma da mão. Eu posso identificar através dos signos da mão a sua ascendência. Hoje em dia nós deixamos de fazer os traços no rosto, porém através das linhas da mão nós podemos identificar a qual família uma pessoa pertence. É uma leitura particular. Não é uma leitura que qualquer um pode fazer. Mas através das linhas da mão eu posso saber quem você é, de qual família você vem. Isso dá uma pista para o seu roteiro. Por que antes uma pessoa podia vir aqui na África procurar as suas origens pelo balaf, mas há 100 anos que já não se faz mais isso. Tem uma terceira leitura que eu posso fazer que é uma leitura do cabelo. E nessa leitura a pessoa raspa a cabeça completamente e após 15 dias, quando o cabelo começa a crescer, posso fazer uma leitura de qual família a pessoa vem.

Salif Traoré (apontando para o Chefe): – Esse homem é uma biblioteca. A gente o vê sentado assim, parece um homem humilde... mas ele é uma verdadeira biblioteca. Mesmo sem papel, ele é um homem imprescindível. Ele só se veste da maneira tradicional, com o algodão. Ele jamais vai se vestir como a gente está vestido. Quando eu vim fazer o meu filme nessa *village*, foi porque ela preserva certas coisas, não há grandes casas ou grandes construções. O Chefe autoriza a construção de casas modernas, casas que vemos no entorno do *village*. Mas aqui no coração dessa *village* ele preserva a tradição, para que exista sempre um traço da história.

Chefe dos Bambará: – Eu não posso dizer por todo o Mali, mas pela história do Reino Bambará e de Ségou eu estou impregnado. A escravidão fechou muitas portas. Foi pior que uma humilhação, foi como uma exterminação. Aqueles que partiram eram os trabalhadores, os que haviam sido iniciados. Eles eram a nossa força, a nossa força de trabalho. Eles foram levados e para traz ficaram os velhos e as crianças da família. Os pais eram muito velhos para ir para o campo. As suas mães não podiam trabalhar e elas morriam de saudades, pois elas não tinham mais nenhuma notícia dos seus filhos. Os que partiram deixaram para trás suas esposas, e essas esposas, após constatar a partida de seus homens, eram obrigadas a se casar novamente, a pertencer a uma nova família e esquecer os seus parceiros. Porque elas não poderiam levar o seu passado para outra família. E aqueles que partiram, como você mesmo disse, foram obrigados a esquecer os seus próprios nomes. E eles mesmos não puderam escrever a sua história. Se pelo menos eles tivessem escrito a história deles, a gente poderia encontrar alguma pista. Como eles foram condenados a não escrever a história deles, hoje a gente se encontra nessa situação.

Renato Barbieri: – O que exige um enorme esforço, de ambas as partes, de quem está na África e de quem está no Brasil, para restaurar esses laços.

Chefe dos Bambará: – Para mim é difícil poder falar alguma coisa sobre essa história, porque essa é uma história que pertenceu ao meu avô. E o meu avô não falava nada porque para ele, até em pensamento, essa história toda era uma vergonha e uma humilhação. Então para mim é muito difícil falar sobre isso, porque eles não tinham terminado de viver e de superar essa humilhação da escravidão, quando os brancos chegaram aqui e começou o trabalho forçado com a colonização. Então as bocas ainda estão fechadas. Mesmo para nós que fomos à escola para aprender a história, nós fomos instruídos a não tocar nesse assunto. Aquele que partiu era a força de trabalho que alimentava a sua família e o seu vilarejo. E quando ele partiu seu pai não sabia mais o que fazer. E nessa história a gente não quer voltar a falar. Essa história é muito delicada. E mesmo aqueles que ficaram atrás do muro, vendo seu filho partir, eles não podiam fazer nada. Ninguém no vilarejo podia sair para ir lá recuperar seu filho. Porque havia um mito em torno do homem branco. Porque mesmo se eles não estivessem presentes, eles haviam armado outros homens mais fortes para que estes pudessem pegar novos escravos, e essa arma era o símbolo da potência. De um lado alguns com facas e arco-e-flechas, e de outro lado chegavam outros com fuzis. Então eles olhavam sobre o muro aqueles que haviam sido presos partirem e uma vez que eles haviam desaparecido no horizonte eles faziam um esforço enorme sobre eles mesmos para esquecer tudo aquilo que eles tinham visto. E nada seria possível fazer para reencontrá-los, para revê-los, porque mesmo que eles, bem longe, fossem soltos na floresta, eles não teriam meios jamais para voltar. Alguns deles nem mesmo chegavam ao outro porto, pois eles morriam no barco e eram jogados no mar. Então nós não sabíamos mais quem tinha chegado e quem não tinha chegado. E os que tinham chegado, eles nem sabiam de onde que eles vinham, pois eles já não tinham mais nenhuma referência. O que faz com que essa história fique um pouco mais difícil.

Renato Barbieri: – É muito importante o que eu estou ouvindo agora, pois eu estou ouvindo o lado africano. Eu conheço, pela história, pelos relatos, pelos livros e também pela tradição oral, a parte brasileira desse trauma. E eu estou convicto que o que precisamos fazer é ouvir os africanos e também é preciso que os africanos escutem os brasileiros, porque vai surgir daí uma grande afinidade, porque essas histórias são as duas fases de uma mesma história. É a partir daí que nós vamos entender que nós estamos falando da mesma coisa. Pois cada um guarda uma parte dessa

aliança. E na hora que nós conseguirmos restaurar essa aliança, isso vai despertar uma força e uma alegria indescritíveis.

Chefe dos Bambará: – O povo do Mali é a imagem do homem típico Bambará. Mesmo a penetração colonial teve grande dificuldade nesse lugar. E é através dessa imagem que nós tentamos traçar as fronteiras do Mali. Porque o típico Bambará ficou conhecido como um rebelde, um indisciplinado e um desobediente. Ele preferiria aceitar a morte que a vergonha. É por isso que o colonizador viu que não poderia dar o mar para esse povo, “porque se você der para esse povo uma abertura para o mar, eles são capazes de tudo, são capazes até mesmo de nos afrontar”. Razão pela qual o povo do Mali ficou no meio do continente, sem nenhum acesso ao mar. Hoje em dia você vem aqui e encontra o maliense, ele é uma pessoa tranqüila, muito doce e ele tem uma vida interior. E essa vida interior você só vai conhecer quando você estiver tocando a dignidade dele. Você por exemplo, veio do Brasil, mas você não veio mostrar que é brasileiro. Você veio mostrar que é um ser social completo, só isso. Se você tivesse chegado aqui com autoridade, com superioridade, com a idéia de que é superior a nós, dizendo que veio do Brasil, “um grande país, para fazer um filme” sobre a terra de vocês, você não conseguiria nada. Mas você chegou aqui e obedeceu a todo o nosso sistema regulamentar correto: veio aqui da parte do Sotigui, entregou um envelope, tirou uma foto e mostrou que está comigo. E é com esse sorriso que você vai conquistar-me e a todo o vilarejo. Eu não posso negar mais nada para você. Mesmo que na segunda visita você chegar aqui com um fuzil, entrar na minha casa e matar uma criança, ainda assim eu não vou trocar a minha palavra e vou te dizer: “agora você pode fazer o seu filme”, porque eu não tenho duas palavras. Eu nunca vou falar duas coisas. Quando eu falo sim, é sim. Quando eu falo não, é não. Esse é o Reino Bambará: o que a gente falou está falado e o dinheiro não é nada. Para finalizar eu te digo que o que você tiver vontade de fazer, que você tenha muito sucesso. E tudo o que você precisar para melhorar o seu assunto, para fazer o seu filme, você pode contar comigo.

Renato Barbieri: – Estou muito enriquecido por esse encontro e agradeço o Chefe dos Bambará por me receber, agradeço muito ao Sotigui por me oferecer esta oportunidade de conhecê-lo e espero em breve voltar. Eu vou levar para o Brasil estas informações, estas percepções e estes sentimentos que eu estou colhendo aqui. E que Deus mantenha meus caminhos abertos para isso. E peço autorização para pegar a estrada.

Chefe dos Bambará: – Eu estou sentado aqui sobre o saber da tradição Bambará. Tudo o que eu aprendi foi para guardar isso. Então eu não sou nada mais do que um guardião desse saber e eu me coloco a serviço de pessoas como você, que vem aqui me procurar. O trabalho que você está preparando é um orgulho para todo o povo ligado à escravidão, porque é muito corajoso o que você está querendo fazer. Dos dois lados foram impostas humilhações e, por outro lado, essas pessoas que partiram como escravas elas partiram porque haviam cúmplices. Se você tem a coragem de vir fazer esse trabalho, eu estarei atrás de você, porque a estrela que te anima não é ordinária e ela nos aproxima bastante. E esse seu trabalho é muito ousado. Aqui você está em família, e aqui nessa família e nesse reino você não terá jamais um não. Sobretudo não saia daqui e esqueça esse encontro. Guarde-o como lembrança, porque vai ser muito importante um dia. Eu estou muito contente e vos dou o caminho de saída.

Conclusão

Meu encontro com o Chefe dos Bambará⁷ foi rico e intenso e teve momentos de grande e profunda emoção. Nos vimos ali como elos de um todo complementar representado pelos inúmeros laços históricos e culturais existentes entre as duas margens do Atlântico e que hoje é embasado pelo respeito afetivo. São muitos os caminhos que levam à África. Acredito fielmente que o Brasil vai se redescobrir no contato direto com África, pois seus portais estão abertos para nós. A África reconhece que o Brasil é feito de seu sangue. Considero essencial que a nação brasileira estabeleça uma ‘ponte’ estratégica com a África, com políticas públicas que patrocinem viagens planejadas de pesquisa e trocas culturais com artistas, cineastas, professores, cientistas, religiosos, gestores públicos, agricultores, estudantes etc, com programas de apoio a projetos na África, promovendo um grande intercâmbio de conhecimento desse ‘outro’ que também somos nós. Esse seria um contato real do Brasil com sua ancestralidade africana. Por outro lado, assim como o Brasil precisa da África, a África também precisa do Brasil. O Brasil é uma nação jovem e forte e muito de sua grandeza foi propiciada e construída pelo sangue africano. Como nos diz o Chefe dos Bambará, “aqueles que partiram eram os trabalhadores, os que haviam sido iniciados. Eles eram a nossa força de trabalho. Eles foram levados e para traz ficaram os velhos e as crianças da família”. A força africana veio construir o Brasil, um país rico que, por reconhecimento e gratidão, deve olhar para a África com um olhar solidário e construtivo, jamais explorador. Amém! Axé!

© Renato Barbieri, 2012.

⁷ FOTO-7



FOTO-1: Pai-Euclides Menezes Ferreira



FOTO-2: Avimandjé-Non



FOTO-3: Adjahô Houmasse



FOTO-4: Sotigui Kouyaté



FOTO-5: Mesquita de Djenné

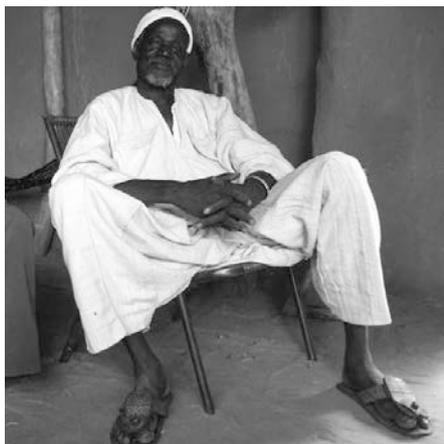


FOTO-6: Chefe dos Bambará



FOTO-7: Chefe dos Bambará e Renato Barbieri